

# À MARGEM DA SOCIEDADE: A IMPRENSA FEMININA BRASILEIRA NO SÉCULO XX

\*\*\*

## ON THE MARGIN OF SOCIETY: THE BRAZILIAN WOMEN'S PRESS IN THE 20TH CENTURY

Yara Oliveira dos Santos<sup>1</sup>

**Recebimento do Texto:** 14/01/2025

**Data de Aceite:** 06/02/2025

**Resumo:** No intuito de expor resumidamente um retrato de como a mulher era considerada no passado, almejamos, neste trabalho, explicar no processo de resistência, luta e persistência da mulher. Para tal estudo, usaremos como explicativa do romance *Senhora*, de José de Alencar (2008) para tratar do casamento no universo feminino. Desse modo, explorando nuances do ser mulher, vamos analisar como a imprensa, especificamente o jornal *Brasil Mulher*, no século XX, contribuiu para o avanço de movimentos feministas.

**Palavras-chave:** Imprensa. *Jornal do Brasil Mulher*. *Senhora*, de José de Alencar.

**Abstract:** We do not intend to briefly present a portrait of how women were viewed in the past. In this work, we aim to explain the process of women's resistance, struggle, and persistence. For this study, we will use the novel *Senhora*, by José de Alencar (2008), as an explanatory tool to address marriage in the female universe. Thus, exploring nuances of being a woman, we will analyze how the press, specifically the newspaper *Brasil Mulher*, in the 20th century, evolved to advance feminist movements.

**Keywords:** Press. *Jornal do Brasil Mulher*. *Senhora*.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pelo PPGEL-UNEMAT. E-mail: yara.santos@unemat.br

## Introdução

Ao longo da história da humanidade, homens e mulheres ocuparam papéis distintos dentro do âmbito familiar, bem como em outros espaços de convívio e relações sociais. A intuição Igreja e os indivíduos que pertenciam a uma organização social filiada no patriarcalismo, acreditavam no mito bíblico de que a mulher, por intermédio de Eva, ao comer o fruto proibido, colocou o pecado no mundo. Como consequência, ela – a mulher –, sentiria a dor do parto, além de ser colocada em posição de submissão ao homem, uma vez que transgredir uma lei maior divina.

A partir desse e de tantos outros mitos emerge um pensamento ideológico de que as mulheres eram e deveriam ser inferiores ao homem. Por vários séculos, em diferentes épocas e na maioria das sociedades espalhadas pelo mundo, as mulheres foram descartadas das decisões importantes da vida social, ao passo em que foram consideradas como o “*sexo frágil*”.

Como a mulher precisava, por lei, atender às necessidades do marido, o casamento, nesse contexto, foi de importante para o universo feminino. Desde muito jovens, elas precisavam “arranjar” um parceiro para sair da casa dos pais. Caso a moça não encontrasse um marido, seu pai se encarrega dessa função. Portanto, a mulher sempre foi submissa às vontades do universo masculino.

O tempo foi passando e, aos poucos, elas foram ganhando espaço, através de seu trabalho, valores e ações. Assim, alçamos por elucidar como a mulher era representada dentro da sociedade patriarcal e evidenciar seu progresso enquanto cidadã. Para tal estudo, usamos temáticas contidas na obra intitulada: “*Senhora*” de Alencar (2008) para elucidarmos a importância do casamento, ou melhor, a relevância da presença masculina à mulher.

Diante de um mundo um tanto restrito, coartado à educação, liberdade, escolaridade, cidadania ou qualquer outra liberdade, vão surgindo diversos clubes de mulheres de diferentes origens, os quais começaram a lutar por igualdade de gênero no país. Junto a esses grupos, compostos por ideias feministas, é que foi tomando espaço, a imprensa feminina, uma vez que vai ganhando notável visibilidade.

Nesse horizonte explicaremos, resumidamente, o início dos primeiros movimentos feministas, destacando como a imprensa contribuiu à visibilidade

do movimento e, além disso, abordando a temática da imprensa feminina, mencionaremos o Jornal “*Brasil Mulher*”, o qual apresenta informações pertinentes à época.

### **Submissa não! Mulher!**

Desde muito tempo, as mulheres, no âmbito das sociedades, sempre sofreram inúmeros desafios em suas vidas, haja vista os discursos ideologicamente construídos ao longo da história, tais como: “*Mulher deve ficar em casa para cuidar do lar*”, “*Mulher precisa arranjar um casamento*” ou, ainda, “*O marido é a cabeça de uma casa*”, eram frequentemente postos em circulação pela sociedade patriarcal, opressora, machista e conservadora, a qual defendia que as mulheres tinham somente uma perspectiva de vida: *o casamento*.

Segundo Silva (2014), em épocas passadas, os princípios sociais impostos pelos indivíduos conservadores sobre a mulher, eram baseados em alguns principais fenômenos, dos quais: i) zelar do lar: lavar, passar e cozinhar; ii) cuidar da família; iii) viver em torno do marido para atender às suas necessidades físico-carnais através do sexo; e iv) existencial: gerar seus filhos, cuidar da família, dentre outras funções. Nesse sentido, após o casamento, a elas era dado o cargo da procriação e diversas tarefas, sempre domésticas. Portanto, o casamento, em épocas passadas, em diversas configurações socioculturais, tornou-se um acontecimento muito importante para vida de muitas.

Sabemos que a literatura e a história andam lado a lado. Pensando nessa proposta, Silva (2012) dedica sua pesquisa para falar sobre a literatura e escreve acerca de sua importância na representação da história e defende que: “A literatura dialoga com a história procurando uma aproximação ou definição do seu campo real” (Silva, 2012, p. 105). Nessa perspectiva, a história e a literatura imbricam-se. Juntas, nos dão oportunidade de retratar momentos ocorridos em outras épocas, além de resgatar costumes e ideologias que funcionavam em tempos passados. Nesse contexto, para analisarmos como o casamento, no mundo feminino, era relevante, pesquisamos a obra intitulada: “*Senhora*”, de José de Alencar (2008).

José de Alencar, escritor romanesco, elucidou, em suas obras, inúmeras temáticas vivenciadas no século XIX. Alencar usava a escrita para narrar, em

folhetins ou por meio de seus romances, a vida da alta sociedade do Segundo Império e suas intrigas amorosas. Alencar, além de trabalhar assuntos potencialmente polêmicos à época, tais como: religião, prostituição, desigualdades, escreve sobre o casamento, assunto o qual abordamos em nossa pesquisa, protagonizada por uma personagem feminina de diferentes formas.

A valorização social pelo enlace matrimonial, para a mulher, no Brasil-Império, era de extrema importância. Desde moças, ensinavam-nas como comportar e portar-se, como cuidar dos afazeres domésticos, a terem responsabilidades e, é claro, cuidar da aparência para conseguir arranjar um bom noivo. Pensando nessa temática, José de Alencar escreveu obras que elucidaram a visão da sociedade com a supervalorização do laço, tal como em “*Senhora*” (2008).

O romance “*Senhora*” (2008), foi escrito no período do romantismo, mais precisamente em 1875. Nessa obra literária, Alencar (2008) expõe pluralidades de temáticas, tais como: a burguesia, a mulher no espaço brasileiro, o conservadorismo, o casamento, dentre outros assuntos vividos no período. Como dito, ele transparece como o matrimônio era relevante, para o momento, descrevendo a história de Aurélia, personagem principal da narrativa, à qual precisa casar-se urgentemente para constituir-se enquanto cidadã no país, uma vez que precisava da figura masculina ao seu lado para tal.

Aurélia, após a perda de seus pais, passou por uma crise financeira e, por isso, precisava arranjar um marido para extinguir tal problema de sua vida. Por necessidade, se expõe à janela, fato comum entre as mulheres solteiras daquela época, no intuito de expor sua beleza e arranjar um homem para consumir o casamento. Em sua exposição, se apaixona por Fernando Seixas, o qual a seduz, mas a troca por Adelaide Amaral, por pretensões puramente econômicas, posto que Adelaide era rica.

Por ironia do destino, Aurélia recebe uma herança de seu tio, vindo a tornar-se milionária. Após possuir um expressivo valor monetário, a personagem passou a ser figura importante no espaço social brasileiro. Mas, para findar seu papel protagonizado diante da elite fluminense, era preciso ter a companhia de um homem ao seu lado, para tomar as medidas “assertivas” das suas finanças. De uma maneira superficial, nota-se como a presença masculina ainda era o fator mais importante para a vida da mulher, mesmo a protagonista possuindo patrimônio,

ela precisou arranjar um casamento para se constituir enquanto cidadã e sujeito íntegro, na sociedade, pois a mulher que não era casada não apresentava seu devido respeito, aos olhos da moralidade da época.

Com a necessidade da figura masculina de lado e por sede de vingança, Aurélia comercializa seu próprio casamento com Fernando Seixas, estabelecendo a condição que a identidade da noiva não poderia ser revelada até a cerimônia. Impressionado pela quantidade simbólica do dote, Seixas aceita o pedido e se casa com Aurélia. Casaram-se. Vejamos, no trecho a seguir, o diálogo, na noite de núpcias, do casal.

- Aurélia! Que significa isto?
- Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o nosso papel com perícia consumada. Podemos ter este orgulho, que os melhores atores não nos excederiam. Mas é tempo de pôr termo a esta cruel mistificação, com que nos estamos escarnecendo mutuamente, senhor. Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido.
- Vendido! Exclamou Seixas ferido dentro d'alma.
- Vendido sim: não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento (ALENCAR, 2008, p. 80).

Conforme o diálogo de Aurélia, ao dizer que: “[...] precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas.”(Alencar, 2008, p. 80), percebemos a visão patrimonialista enredada, na diegese. O casamento, sobretudo, era necessário, uma vez que era através dele que a mulher regredia e poderia ser considerada verdadeiramente integrante e ativa na sociedade.

Como vemos, nos trechos selecionados, a personagem até poderia tentar se figurar como sujeito dominante da relação, ao comprar Seixas. Contudo, ela ainda precisava da figura masculina ao seu lado, uma vez que como propriamente a protagonista reconhece no trecho selecionado: “[...] precisava de um marido”(Alencar, 2008, p. 80). Ela, assim como muitas mulheres, no passado,

queria conquistar a independência, mas era barrada, pelas ideologias patriarcais.

Nesse sentido, a obra analisada nos mostra como a figura masculina era de extrema relevância à mulher, dentro da sociedade patriarcal. Sem o dinheiro, a personagem não seria considerada um sujeito independente e ativo na sociedade. Além disso, vemos a importância do casamento no mundo feminino, uma vez que as meninas eram desde muito novas doutrinadas para cuidar do lar, dos filhos e do marido. Desde novas, elas não apresentavam qualquer direito, não tinham o poder de escolha ou espaço para voz. Sua função era, por lei, obedecer o mundo masculino. Se a mulher não pertencia ao poder e domínio de seu marido, era o do pai, ou seja, por toda sua vida, ela era dominada pelas forças do homem.

Como já mencionado anteriormente, o matrimônio era essencial para o mundo feminino, pois foi considerado um momento único e decisivo de muitas, ao passo em que elas eram/foram doutrinadas, desde criança, à relação conjugal com o marido. Na maior parte dos casos, ensinavam-nas a cozinhar, lavar e passar, no intuito de ser uma “*boa esposa*” e atender a todas as necessidades de seu esposo.

Com a supervalorização do laço matrimonial: “Idolatrava-se a pureza feminina na figura da Virgem Maria.” (Priore, 2011, p.47), ou seja, a mulher deveria, perante a lei dídica, social e casamental, manter-se “*pura*”, sem realizar qualquer tipo de ato sexual até casar-se. Já ao homem, além de ser concebido o poder do lar, era livre para escolher suas esposas, livre para ter relações fora do casamento e livre à infidelidade, pois:

Os maridos deviam se mostrar dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal, insensíveis e egoístas. As mulheres, por sua vez, apresentavam-se como fiéis, submissas, recolhidas. Sua tarefa mais importante era a procriação (PRIORE, 2011 , p.40).

Conforme Priore (2011) pontua, o homem era a maior entidade, pois eram os dominadores e líderes, pois ocupavam os melhores cargos e participavam ativamente na sociedade, enquanto às mulheres não era dado o direito do voto, apenas a procriação, pois era a sua primeira tarefa mais importante ao casar-se. Nesse entendimento, conforme os dizeres de Beauvoir (1970):

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição (BEAVOUIR, 1970, p.169).

O mundo feminino era, e ainda é, considerado um ninho de pecados. De acordo com médicos da época, sua ciência acreditava que a dor de parto, ciclo menstrual, fortes odores, líquido amniótico, estão vinculados à prestação de pecados de Eva, a qual comeu o fruto proibido sem a permissão divina e, com isso, seu corpo passou a ser considerado impuro, padecendo. Assim, vários acontecimentos da natureza de seu corpo, foram considerados pagamento de pecados.

Nesse sentido, a vagina era considerada apenas para gerar o feto e, o útero, para a reprodução da criança. Não era permitida nenhuma ejaculação e/ou sensação que lhe permitisse sensações de prazer. Os toques e as carícias eram inadmissíveis pela igreja, a qual possuía total controle sobre o casal. Nesses termos, eram vedados quaisquer preparativos e/ou preliminares no ato sexual. A partir dessas leis, de acordo com Priore (2011):

Sua tarefa mais importante era a procriação. É provável que os homens tratassem suas mulheres como máquinas de fazer filhos, submetidas às relações sexuais mecânicas e despidas de expressões de afeto. Basta pensar na facilidade com que eram infectadas por doenças venéreas, nos múltiplos partos, na vida arriscada de reprodutoras. A obediência da esposa era lei. (PRIORE, 2011, p.38).

Assim, vemos, no documento histórico e nos registros de testemunho, que apenas a obediência era lei. Precisava-se obedecer todas as regras impostas e viver apenas para o casamento, presa feito um pássaro na gaiola. Como a mulher sempre foi vista a partir da figura de Eva, um *ser* pecador, facilmente influenciável, acreditava-se que ela não poderia sentir qualquer sensação que a levasse ao êxtase, visto que poderia cair em tentação e cometer o adultério. Apenas o homem poderia ter outra relação, poderia, inclusive, se relacionar antes do casamento, frequentar

bares, clubes e participar dos eventos sociais. Ao homem não era imposto a lei da virgindade ou do adultério. Portanto, tem-se que a virgindade feminina é sinônimo de pureza e de caráter. Por consequência, para a donzela conseguir um vindouro e próspero casamento, ela precisava ser, sobretudo, virgem.

Diante da obra de Alencar “*Senhora*” (2008), temos a visão de como funciona o universo masculino, na sociedade, restrita de escolhas e necessitada da presença masculina em sua vida. Pensamentos de cunho ideológico, tais como os que trouxemos, persistiram durante séculos no Brasil, por exemplo. Para conquistar espaço, inúmeras mulheres foram às ruas protestar em busca de direitos e igualdade de gênero. Mediante as muitas lutas, as mulheres vão ganhando, aos poucos, espaço e voz.

### **Breve histórico do movimento feminista no Brasil**

As lutas feministas se desenvolveram, ao longo do século XIX, influenciadas pelo movimento sufragista e engajada pelo abolicionismo. Contudo, vale ressaltar que antes dessa virada, já havia mulheres que lutavam contra as normas estabelecidas à oposição. O sucesso no engajamento das mulheres, na campanha abolicionista, aconteceu na medida em que elas estavam à margem da submissão e opressão política, daquela época.

Após a abolição da escravidão, o Brasil dá início à sua integração ao sistema capitalista e ao processo de industrialização, o qual gerou muita mão de obra. Diante disso, em meio ao movimento operário que se formou, as mulheres lutaram na busca por reivindicações políticas, tais como igualdade no trabalho, redução de jornada de trabalho, igualdade de salários, dentre outros direitos trabalhistas. Com isso, foram surgindo os primeiros grupos feministas no país.

Nos anos seguintes, o grupo de mulheres lutou pelo direito ao voto, promovendo diversas manifestações na luta pela igualdade de gênero, condições mínimas de trabalho feminino, a proteção da mulher e da criança, dentre outros. Mas, somente após a Anistia é que o grupo adquiriu raízes, repercutindo ao longo dos anos. Assim, elas iam conquistando espaço, mesmo com a vedação da liberdade de expressão.

Ao passo em que o Estado controlava toda a imprensa, os encontros feministas estavam latentes, ganhando visibilidade no continente sul-americano,

em suma, no Brasil. O grupo era formado por clubes de mães, donas de casa, mulheres estudadas, bem como por associações de bairros, nas brechas da ditadura, para debaterem sobre temáticas sociais vivenciadas naquela época, pensando em um possível feminismo. Foi através de encontros e diversas reuniões para pautar assuntos ligados à sociedade patriarcal que as primeiras ideias feministas tomaram norte, no Brasil, ganhando espaço e ocupando lugares relevantes na sociedade e, em suma, no campo da imprensa.

Nesse momento, as mulheres começam a ganhar voz, posto que usavam a imprensa para debater temáticas pertinentes ao mundo feminino. Para Buitoni (1986), a imprensa feminina é marcada por publicações com a finalidade de defender as mulheres: “Assim a imprensa feminina é aquela dirigida e pensada para mulheres. A feminista embora se dirija ao mesmo público, se distingue pelo fato de defender causas” (Buitoni, 1986, p.16). Nesse contexto, surgiram vários jornais para tratar de assuntos femininos, dentre tantos, destaca-se, no Brasil, o Jornal “*Brasil Mulher*”, o qual é analisado a seguir.

### **A imprensa feminina: o Jornal “*Brasil Mulher*”**

Como vimos, desde muito tempo, as mulheres têm lutado frequentemente contra ideologias sob elas implantadas. Ao longo dos anos, as mulheres foram alcançando espaço e ganhando considerável reconhecimento. No início do século XX, por exemplo, a mulher brasileira vai alcançando conquistas com os movimentos feministas. Junto a esse episódio, a imprensa periódica editada sob a forma de jornais e revistas femininas, alcança grande repercussão de leitores, especificamente na década de 1970.

As primeiras publicações eram voltadas para uma questão mais imagética acerca da função da mulher e sua responsabilidade em cuidar da família, do esposo e do lar. Os discursos usados eram normalizadores, uma vez que sugeriam como a mulher deveria se comportar como dona do lar, ao passo em que era preciso cuidar de sua aparência, da saúde e do corpo.

Exemplos de revistas como essas eram frequentemente encontradas, naquela época. A geração imediatista dessa imprensa buscava informar estilos de vida para ser adotados, tais como atividades físicas, dicas de casa, segmentos para

manter um bom casamento e, nesse movimento, referendava o domínio social e familiar da parcela masculina.

Figura (1) e (2) – “Revista Cláudia”



Fonte:Sebo do Messias, Revista Claudia<sup>2</sup>.

Tempos depois, surge uma nova imprensa, imperando um discurso reivindicatório acerca da melhoria das condições sociais para o universo feminino. A nova geração estava preocupada com as evidências de informações as quais beneficiariam o sexo feminino, com informações de utilidade pública, pois prezavam por uma imprensa periódica educacional e feminina que ressaltaria seu importante papel dentro do espaço social.

Nesse momento, então, é que surge o Jornal “*Brasil Mulher*”, o qual se tornou, no decorrer das edições, um espaço possível à divulgação da produção artística feminina, para incentivar a participação das mulheres que refletiam em um canal para fluir as informações e as discussões sobre as condições femininas e suas reivindicações. Foram cerca de dezesseis edições regulares e mais quatro denominadas “extras”, de 1975 a 1980.

O Jornal “*Brasil Mulher*” nasceu em Londrina, em 1975, a partir da criação do movimento feminino pela Anistia, momento em que a imprensa alternativa

<sup>2</sup> Revista Cláudia. Disponível em: Sebo do Messias Revista Claudia, Ano 1970, n.109.

estava passando por significativas mudanças, marcadas pela repressão à liberdade civil e pela Ditadura Militar (1964-1985). Os jornais surgidos na época trouxeram questionamentos do sistema patriarcal adotado no país.

O espelho do jornal foi concebido para dar suporte às discussões dos grupos feministas e do movimento de mulheres que se formavam pelo país afora. As matérias pautadas para o jornal tratavam mensalmente de um assunto de grande interesse e impacto. A diagramação das páginas era elaborada no sentido de possibilitar que se transformassem num jornal mural (DEBÉRTOLIS, 2002, p. 64).

Mesmo diante das diversas perfurações e cortes, as escritas permanecem ganhando visibilidade em outros Estados. A Sociedade “*Brasil Mulher*” foi responsável pela edição até a sua última edição. Segundo Debértolis (2002), em sua pesquisa de mestrado, a ideia inicial era criar um boletim para o movimento feminista, no sentido de apurar assinaturas, apoiando a Anistia, reivindicando a liberdade a todas as pessoas perseguidas, prezas, exiladas e punidas em função da sua posição política, na luta contra a Ditadura Militar. Mas, por influência da jornalista Joana Lopes, o jornal foi ganhando certo reconhecimento, vendendo mais de mil exemplares em uma única edição.

Joana deixa claro que diante da oportunidade de fazer um jornal voltado às mulheres buscou evidenciar esta sua indignação com a imprensa feminina. Na verdade ela não esconde o fato de ter aproveitado a possibilidade que se abriu de fazer um boletim para o Movimento Feminino pela Anistia para avançar e ampliar as discussões para a temática da mulher. Ela tinha o compromisso de elaborar um boletim apenas para divulgar o movimento, mas ressalta que trabalhou “o oportunismo como oportunidade, aquela figura mitológica grega que tem o bonezinho vermelho, que passa voando na tua frente se você pega se não pega já foi embora (...) agarrei a oportunidade de fazer avançar” (LOPES, 2001b *apud* Debértolis, 2002, p. 60).

Em 1975, após muitas lutas, a Organização das Nações Unidas (ONU) oficializou o dia 08 de março como o “*Dia Internacional da Mulher*”. Após tal

conquista, aquelas que viviam sob cerceamento do regime de Ditadura Militar, sendo censuradas, sem nenhuma liberdade, aproveitaram para se organizar contra os regimes opressores da época. Nos encontros organizados por mulheres dos movimentos de reivindicação de direitos, elas se reuniam para falar das classes trabalhadoras, dos direitos e deveres, do custo de vida, da creche para seus filhos, falavam da violência doméstica, da violência sexual, além de mencionarem acerca daquelas que gostavam, até mesmo, de praticar o futebol.

A ideia do Jornal “*Brasil Mulher*” era trazer evoluções no campo ideológico, reflexões, bem como demais informações de interesse feminino. Portanto, tal jornal surge totalmente feito por mulheres, com divulgação voltada a toda população brasileira da época, principalmente às donas de casa, mães e trabalhadoras, as quais sonhavam com os direitos da mulher moderna contemporânea.

Na página anexada<sup>3</sup>, há uma amostra de como o jornal era estruturado, com diferentes informações pertinentes às mulheres da época. No exemplo exposto, vemos reportagens relatando as reivindicações trabalhistas acontecidas em todo o mundo, o direito à educação, o incentivo à liberdade de expressão, incentivando-as a seguir a profissão da qual almeja. Além desses pontos, tem-se o quadro de denúncias trabalhistas ou de desigualdades, além de potenciais reflexões e críticas sobre o Governo. Todas essas informações eram expostas no anseio de causar indagações e questionamentos sobre diversos assuntos.

Portanto, o jornal possuía um caráter verticalmente político, mas com possibilidades precárias, pois todas as integrantes tinham de trabalhar em outro serviço, remuneradamente, uma vez que os periódicos não geravam lucro para deles sobreviverem. O periódico era formado por uma equipe de aproximadamente trinta mulheres de diferentes origens e lugares sociais. Os periódicos eram levados aos clubes de mães, aos sindicatos e universidades, no intuito de promover debates sociais e alcançar o maior número possível da população. De acordo com Debértolis (2002):

As colaborações das mulheres para o Brasil Mulher não se restringiram apenas ao envio de correspondência. A seção Arte e Comunicação tornou-se, no decorrer das edições, um

---

<sup>3</sup>A página da qual mencionamos, acerca de um fragmento de uma edição avulsa do Jornal “*Brasil Mulher*”, está disponível em: <https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher-7>. Acesso em: 05 jul. 2024.

espaço para a divulgação da produção artística feminina. Estes mecanismos editoriais criados por Joana para incentivar a participação das mulheres refletia esta intenção de ser um canal para fluir as informações e as discussões sobre a condição feminina (DEBÉRTOLIS, 2002, p. 65).

Desse modo, foi através de encontros entre essas mulheres engajadas, compostos por muitos diálogos, que a imprensa feminina, especificamente o Jornal “*Brasil Mulher*”, foi tomando cada vez mais espaço dentro da sociedade brasileira.

### **Considerações finais**

Após os estudos desenvolvidos, podemos concluir que as mulheres sempre sofreram inúmeros desafios ao longo dos séculos. O casamento era a única alternativa de vida para muitas. Elas foram silenciadas, maltratadas, submissas e, sobretudo, resilientes, mediante as adversidades. Diante de todas as lutas vivenciadas, ou melhor, sofridas, sobreviveram para lutar contra a opressão vivida na sociedade conservadora.

Formaram, historicamente, diversos grupos para debaterem questões sociais, usando a imprensa a seu favor, mesmo diante de todo o tipo de censura. Além disso, concluímos que o protagonismo da imprensa feminina foi um relevante aliado à visibilidade dos primeiros movimentos feministas, os quais contribuíram significativamente para os avanços atuais.

No início, tinha-se uma imprensa voltada às mulheres casadas, sobretudo, as mulheres do lar. Ensinavam-nas comportamentos, modos de vestir-se, de fazer os serviços domésticos, os informativos para melhorar a sua relação, como se a carga do relacionamento consistisse unicamente na mulher, dentre outras atividades que beneficiavam o universo masculino.

Depois, com os avanços no campo e sob a ótica feminina, temos uma imprensa voltada à relevância do papel feminino dentro da sociedade, o Jornal “*Brasil Mulher*”, o qual foi um expoente exemplo, encarregado de avançar e ampliar as discussões feministas da época, no século XX.

## Referências

ALENCAR, José de. **Senhora**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: Fatos e mitos, 4º ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, SP: Difusão Européia do Livro, 1970.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel**: a representação da mulher na Imprensa feminina brasileira. 1. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

DEBÉRTOLIS, Karen. **Brasil Mulher**: Joana Lopes e a imprensa alternativa feminista. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação e Informação (PPCI), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2002. 131 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3505>. Acesso em: 01 jul. 2024.

JORNAL BRASIL MULHER, São Paulo, n.13, jul. 1978.

LOPES, Joana; FELISMINO, Pedro Paulo. **Ele é o delegado e nós somos as mulheres**. Folha de Londrina: Londrina, 1976.

PRIORE, Mary Del. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. 1. Ed. São Paulo: Planeta, 2011.

SILVA, Késia André da. **Nos caminhos das literaturas**: práticas literárias e culturais. 1. Ed. João Pessoa: Editora Universitária da UEPB, 2012.

## 159